

Práticas musicais em uma escola privada: oficinas de instrumento e orquestra armorial

Comunicação

Marcos da Rosa Garcia
UERN, EEMAN, Marista Pio X
marcos-rosa@hotmail.com

Yuri Moreira Ribeiro
Marista Pio X
ymribeiro@hotmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar, de forma descritiva e reflexiva, práticas de ensino e aprendizagem musicais que ocorrem na escola Marista Pio X em João Pessoa-PB. Os autores partem do princípio das aulas de música como oficinas. Aulas de instrumento e grupos musicais que, apesar de fazerem parte do projeto educativo da instituição e de seus valores pedagógicos, não fazem parte do currículo geral e obrigatório a todos alunos e alunas que frequentam a escola. No texto é discutido a concepção das aulas de música como oficinas e em horários alternativos ao "currículo normal" e em seguida é apresentado um panorama histórico da instituição e de como ocorrem as aulas coletivas de violão, guitarra e teclado e orquestra armorial. Essas atividades de oficina representam de forma empírica o que a área tem discutido sobre ensino coletivo de instrumentos musicais, com suas principais características, desafios e possibilidades. Por fim, trazemos as práticas realizadas nas oficinas além de resultados e desenvolvimentos músico-instrumentais alcançados por alunos e turmas.

Palavras-chave: ensino coletivo de instrumentos musicais, orquestra armorial, ensino não formal.

Introdução

A educação musical na atualidade é entendida como área de conhecimento e que é concebida em todos os contextos onde ocorram transmissão de saberes e habilidades musicais (Arroyo, 2002; Queiroz, 2023). Logo, todas as práticas musicais, formais, não-formais e informais, devem ser valorizadas como campos de construção do conhecimento musical e por isso devem ser trazidas para o campo da ciência, do questionamento e para o debate, tendo de seus sujeitos e ações publicizadas. A partir disso pode-se expandir o campo científico ao mesmo tempo que se contribui com a sociedade e coletivos que vivem as múltiplas educações sociais em seu cotidiano sociocultural.

30 de outubro a 01 de novembro de 2024
Sobral - Ceará | Universidade Federal do Ceará



Este artigo tem como objetivo apresentar de forma descritiva e reflexiva, práticas de ensino e aprendizagem musicais que ocorrem na escola de educação básica Marista Pio X em João Pessoa-PB. Os autores partem do princípio das aulas de música como oficinas. Aulas de instrumento e grupos musicais que, apesar de fazerem parte do projeto educativo da instituição e de seus valores pedagógicos, não fazem parte do currículo geral, e obrigatório, a todos alunos e alunas que frequentam a escola. No texto é discutido a concepção da aulas de música como oficinas e em horários alternativos ao "currículo normal". É apresentado também um panorama histórico da instituição e que está presente a quase um século na cidade. Ainda, debatemos como ocorrem as aulas coletivas de violão, guitarra e teclado e da orquestra armorial no contexto.

O ensino coletivo de instrumentos musicais (ECIM) vêm ganhando cada vez mais espaço de discussão, seja em eventos de educação, de educação musical e em eventos específicos. Autores como Cruvinel (2005), Souza (2014) e Tourinho (2007) discutem o tema no cenário brasileiro de forma ética e profissional a décadas. Destacamos em comum a afirmação dos autores em considerar esta metodologia como uma forma de democratizar o ensino de música e possibilitar a interação e colaboração dos sujeitos através de práticas e performances instrumentais. Outras características do ECIM podem ser observadas como

- a) Articular alunos de diferentes níveis de conhecimento e prática musical; b) Desenvolver dinâmica de aula que não parta do individual para o coletivo; c) Inserir a técnica instrumental no cotidiano da prática musical; d) Introduzir a leitura musical após a prática musical; e) Sistematizar informações relativas a elementos estruturantes da música (harmonia e outros), a partir da prática; f) Selecionar repertório a partir das sugestões dos alunos; g) Criar arranjos musicais que propiciem a prática musical coletiva; h) Aproveitar o potencial de cada aluno, articulando-o ao grupo. (Freire; Freire; Jardim, 2010, p. 4-5)

Na atualidade, é comum que escolas regulares (privadas ou públicas) ofereçam oficinas coletivas de instrumentos musicais como propostas agregadoras de arte, cultura e valor economicamente simbólico entre os serviços oferecidos pela instituição, pois ensino coletivo possibilita o acesso de mais pessoas, com menor custo, maior possibilidade de interação social e aquisição mais rápida de parâmetros musicais (Tourinho, 2024). Essas oficinas costumam ocorrer em horários de contraturno, para que os estudantes possam escolher em quais oficinas participar sem prejudicar sua rotina escolar formal.

Nesse sentido, distingue-se as oficinas de música do ensino musical formal, pois as oficinas não seguem a mesma regulamentação educacional apresentada pelo Ministério da

Educação (MEC). Exemplificando essa afirmação, a carga horária das oficinas de música e instrumentos musicais não se soma à carga horária do currículo institucional que é compartilhado pelos conteúdos (e disciplinas específicas) e habilidades regulares. Ainda, os professores que ministram as oficinas não seguem o calendário comum institucional, não precisam avaliar formalmente os alunos (ou os processos) e possuem a liberdade de escolher as didáticas e conteúdos de suas aulas. Logo, as oficinas, como relatadas aqui neste texto, são entendidas como processo educacionais não formais que ocorrem em instituição formal. As definições de Gohn (2006) em relação à educação formal, não formal e informal nos ajudam por considerar então como educação não-formal aquela que “ocorre em ambientes e situações interativos construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos, usualmente a participação dos indivíduos é optativa”, também, envolvendo a intencionalidade dos indivíduos participantes. Educação informal é aquela que “opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados” (Gohn, 2006, p.29).

Os espaços mais conhecidos da educação musical formal são os conservatórios, cursos superiores e técnicos em música. De acordo com Feichas estes espaços implicam “numa escolha e sistematização de conteúdos legitimados pela Escola e que normalmente são transmitidos de forma gradativa, ou seja, do simples ao complexo” (Feichas, 2007, p.3). Esses conteúdos são distribuídos em estágios pré-estabelecidos com cronogramas (datas) para início e término. Sobre os espaços não-formais e a educação musical nos reportamos a Almeida, destacando a importância deste espaço educacional que “embora não trabalhe com esse objetivo [formar músicos], acaba, muitas vezes, complementando as lacunas deixadas pela educação escolar” (Almeida, 2005, p. 53).

A origem da instituição, a visão de seu fundador, sua expansão global e o contexto em que ocorrem as atividades relatadas

O fundador da instituição Marista nasceu em 1789, no vilarejo de Marlhés, sul da França, no início da Revolução Francesa e desde jovem demonstrou uma preocupação especial com a educação das crianças, especialmente das mais pobres, que frequentemente eram esquecidas pela sociedade. Inspirado pelo carisma de São Marcelino de Flandres, este sentiu um chamado para dedicar sua vida a Deus e à educação. Depois de ser ordenado sacerdote em 1816, São Marcelino Champagnat começou a perceber a urgente necessidade de

educadores qualificados que pudessem atender às comunidades rurais da França e, em 2 de janeiro de 1817, fundou o Instituto dos Irmãos Maristas, na pequena vila de La Valla (MARISTA EM REDE, 2024). Com apenas dois jovens ao seu lado, que compartilhavam seu desejo de servir, Champagnat lançou as bases do que se tornaria um movimento educacional global.

A filosofia de educação de Champagnat era tanto simples quanto revolucionária: para educar bem as crianças, é preciso amá-las. Este princípio, centrado no amor e respeito por cada aluno, tornou-se a base do método educativo Marista. Os Irmãos Maristas dedicaram-se não apenas ao ensino acadêmico, mas também à formação moral e espiritual de seus alunos, buscando desenvolver cidadãos conscientes e responsáveis. Com o passar dos anos, a visão do fundador se expandiu. As escolas da rede começaram a se espalhar pela França e, mais tarde, pelo mundo.

No Brasil, os primeiros Irmãos Maristas chegaram no final do século XIX, com o desejo de expandir a missão educacional de Champagnat em terras brasileiras. Em 1897, um grupo de Irmãos Maristas franceses desembarcou no Brasil, especificamente na cidade de Congonhas do Campo, em Minas Gerais, liderados pelo Irmão Lourenço. No ano seguinte, em 1898, os Maristas fundaram a primeira escola, o Colégio Marista de Congonhas. Esse foi um marco importante, não apenas para a congregação, mas também para a educação no Brasil. A escola rapidamente se destacou pela qualidade do ensino e pela ênfase na formação integral dos alunos, que abrangia não apenas o aspecto acadêmico, mas também o desenvolvimento moral e espiritual. Com o sucesso inicial, a missão Marista começou a se expandir para outras regiões do Brasil.

De acordo com o site da instituição (CONHEÇA O MARISTA, 2024) a presença da instituição no estado da Paraíba inicia-se em 1894 com a primeira escola na capital. O colégio católico Marista Pio X funciona no palacete Abiahy, local da residência episcopal e, posteriormente no Convento de São Francisco. A presença evangelizadora, a partir do carisma do fundador da obra Marista começa a existir a partir de 1927, quando os primeiros Irmãos da Paraíba assumiram o convite feito pela Arquidiocese e passaram daquele ano em diante a gerir a instituição e o primeiro diretor foi o Irmão Mário Elói. Dentre as ações marcantes desse período destacam-se a dimensão acadêmica, uma efetiva ação pastoral, práticas esportivas, iniciativas de arte e cultura e a dimensão da solidariedade, hoje reconhecidos como princípios educativos da educação Marista.

A arte e a cultura são elementos fundamentais na filosofia educacional da instituição, fazendo parte como princípios educativos. Esses aspectos são considerados essenciais para o desenvolvimento integral dos alunos, contribuindo para a formação de pessoas mais sensíveis, criativas e conscientes de sua identidade cultural e do mundo ao seu redor.

As escolas Maristas promovem diversas formas de expressão artística, como música, dança, teatro, artes visuais, arte circense e literatura. Essas atividades são incorporadas ao currículo escolar e incentivadas através de oficinas, como atividade complementar. Hoje, o Marista Pio X, tem em sua grade curricular aulas de educação musical para a educação infantil – do maternal ao 1º ano do ensino fundamental – e oficinas como atividades complementares, além de grupos artísticos nas diversas linguagens.

Aulas de instrumentos musicais

As aulas ocorrem de maneira coletiva com turmas formadas por alunos do ensino fundamental e médio. Os alunos matriculados participam de dois encontros semanais com duração de cinquenta minutos cada. Os alunos são incentivados a matricular-se nas oficinas de música no início de cada ano letivo, mas é comum que novos alunos façam aulas experimentais, e matrículas, em qualquer período do ano/semestre. Os alunos que participam das oficinas não possuem um currículo pré-estabelecido pela escola, também não fazem avaliações regulares e não recebem notas em boletins, de modo que não podem ser reprovados, como nas outras disciplinas. Ao final de cada ano fazem uma apresentação pública e coletiva - sempre em novembro de cada ano, os alunos fazem uma apresentação no pátio da escola para seus colegas e familiares.

Turmas de violão/guitarra

O relato das aulas de violão/guitarra está assim organizado pois as turmas são mistas e ficam a mercê dos instrumentos que os alunos possuem e/ou trazem para os encontros. De fato, para as aulas destes instrumentos os alunos devem possuir e utilizar seus próprios violões/guitarras, assim como cabos, palhetas e amplificadores. A escola não disponibiliza instrumentos e o professor também é responsável por seu próprio equipamento. A sala é sempre disposta em círculo ou semicírculo para que todos possam ver os colegas e ver o professor.

Atualmente existem quatro turmas destes instrumentos e os encontros ocorrem nas segunda e quartas, a saber: as 11h50min com os alunos mais jovens, com média de 11 anos e que iniciam seus encontros da oficina após o término do período do ensino fundamental da manhã; às 12h30min uma turma com adolescentes com média de 13 anos, que iniciam a oficina logo após as aulas do ensino médio; às 17h50min, novamente crianças do ensino fundamental, que assistem aulas o período da tarde; e às 18h30min a turma com adolescentes em idade pré vestibular que possuem atividades durante a tarde e ficam direto na escola.

As oficinas de violão/guitarra têm como objetivo despertar nos alunos o interesse pela música a partir de atividades nos instrumentos. Assim é trabalhado repertório diverso, técnicas instrumentais, percepção, apreciação e preparação para performance. Para os alunos mais velhos é trabalhado também teorias relacionadas a escalas, formação de acordes e leitura musical.

De modo geral, as aulas iniciam de modo cortês e todos se cumprimentam e falam um pouco sobre sua semana, essa prática permite a aproximação um com os outros e ajuda a descontrair um pouco o momento. Lembramos que os alunos já chegam para as oficinas depois de horas e horas em sua rotina escolar regular e muitos reclamam que estão cansados, com fome - ou as duas coisas. O professor então faz um esforço para conectar as histórias e dilemas dos alunos uns com os outros, assim como trazer os tópicos e referências de cada um para o tema da aula e atividades músico-instrumentais do dia.

Logo após as "boas-vindas" o professor coloca uma música para que todos escutem, e eles devem ouvir com atenção. As músicas desse momento são escolhidas a partir das histórias dos alunos, mas também podem ser músicas com destaque para os instrumentos violão/guitarra. Os alunos também escolhem músicas de seu interesse, mas eles devem justificar para os colegas suas escolhas musicais. É interessante que os alunos costumam escolher músicas porque os pais gostam, ou porque eles mesmo gostam de dançar, ou ainda porque "a letra é legal!". Com essa prática vão aprendendo a ouvir música(s), expandem seus repertórios, seus valores musicais, além de aprender a respeitar os gostos um dos outros.

Enquanto ocorre a audição musical, no início de cada encontro, o professor afina os instrumentos de todos, com a ajuda de um afinador eletrônico de contato (*clip*) e sem fazer muito alarde. Em seguida, e com os instrumentos, faz-se uma rápida revisão das aulas anteriores antes de ser adicionado algum novo conteúdo ou exercício.

Exercícios, acordes e ritmos (batida) costumam ser trabalhados a partir do repertório, a exemplo de uma sequência de acordes com o ritmo de baião: os alunos aprendem como é a digitação dos acordes que precisam para executar a música selecionada com a ajuda dos diagramas e cifras; aprendem os tempos de cada acordes e movimentos rítmicos de ataque às cordas; e repetem com calma até a construção da memória, e habilidade, motora/muscular.

Algumas práticas como a "desconstrução dos acordes" são interessantes: cada aluno deve tocar apenas uma corda do acorde de modo que juntos executam a harmonia, como um naipe de orquestra. Outra prática é a execução de um acorde por aluno, por exemplo: em uma música com quadro acordes, dividimos a turma em quatro grupos onde cada grupo deve executar um único acorde da sequência completa. Para ambas as atividades é importante que os alunos mantenham o tempo e possam ouvir uns aos outros. Nesse processo também conseguimos fazer práticas de arranjo pré-determinados, mas não escritos, onde um aluno executa a melodia principal da música (aprendizado quase sempre de ouvido, imitado o professor, ou com auxílio de cifras e tablaturas). Enquanto um aluno executa acordes com batida, outro (ou grupo) faz dedilhado com arpejos, e ainda outro aluno pode focar nos graves - como uma orquestra de violões/guitarras.

Para a turma das crianças, "tudo é um jogo" e nos movimentamos bastante no espaço. Tocamos violão em pé, no chão, de costas e em movimento. Fazemos vários jogos, e algumas competições como por exemplo: quem toca o instrumento com mais e menos volume; quem toca mais rápido; busca por sons e notas. Os alunos são desafiados para saber quem continua a tocar por mais tempo, para saber quem memoriza primeiro os dedos, nomes das cordas, notas e acordes, músicas etc. Anotações, desenhos e imagens para colorir são elementos importantes para esses alunos. Na prática das aulas coletivas, existe uma maior troca de informações, especialmente quando essa metodologia é aplicada a alunos iniciantes, como destacam Moura e Cruvinel em seu estudo com alunos de violão:

[...] o ensino coletivo de violão torna-se uma metodologia eficiente na democratização do acesso ao ensino musical na fase de iniciação instrumental, onde o compartilhar do conhecimento contribui de maneira contundente para o melhor desenvolvimento técnico-musical de cada aluno envolvido (Moura; Cruvinel, 2005, p.62).

Já com os alunos adolescentes é possível fazer práticas focadas no desenvolvimento de técnicas e vocabulários músico-instrumental a partir do repertório e da "teoria aplicada" ao

instrumento (GARCIA, 2011). Os adolescentes que frequentam as aulas de guitarra no contexto possuem interesses e objetivos musicais claros e querem desenvolver-se para tocar o instrumento como os seus ídolos musicais e bandas favoritas. Nesse sentido eles buscam e perguntam com frequência sobre aspectos relacionados a composição de músicas e solos, como eles podem melhorar, tocar rápido (virtuosismo) e como tocar determinado trecho musical. A partir destas inquietações é possível preparar aulas sobre escalas e técnicas instrumentais específicas. Estes alunos também gostam de praticar com metrônomo ou *loops* de bateria, e divertem-se ao improvisar com os colegas ou com a ajuda de *backing tracks*.

Turmas de piano/teclado

O ensino de piano/teclado iniciou-se em 2012 e é realizado apenas para os alunos matriculados regularmente na escola (a partir dos 8 anos), proporcionando o desenvolvimento de habilidades técnicas ao instrumento. São quatro turmas atualmente: duas no final do turno da manhã/início da tarde (11h50 às 12h40 / 17h50 às 18h40) e duas no final da tarde/início da noite (12h40 às 13h30 / 18h40 às 19h30). A primeira turma de cada horário é destinada aos alunos iniciantes e a segunda para os alunos “veteranos” (que já tocam um pouco do instrumento). São duas aulas semanais, de cinquenta minutos, com atividades teóricas e práticas justapostas ao instrumento.

As atividades são desenvolvidas por meio da prática coletiva de teclado, 5 alunos/5 teclados, utilizando a técnica pianística, desenvolvendo habilidades de leitura musical e acompanhamento harmônico ao teclado. Objetiva também o desenvolvimento de aspectos sociais de integração, colaboração e escuta própria e do outro, entre seus participantes, além de oportunizar a inserção da arte na vida do indivíduo. Jogos musicais são realizados, uma vez por semana, como estratégia para compreensão da leitura musical e desenvolvimento da percepção. A utilização de fone de ouvido, para a prática instrumental, é obrigatória durante a aula, mas sempre há aquele que esquece o seu material em casa.

Para a seleção do repertório leva-se em consideração o nível musical do aluno como também o seu gosto musical, a fim de que se sintam motivados para o aprendizado. Músicas sugeridas pelo aluno, de acordo com o seu nível e com objetivos estipulados e alcançados, são feitos arranjos ou adaptações e entregue como atividade de casa, a fim de que ele se sinta mais estimulado. Estima-se um tempo, geralmente uma semana, para que o aluno apresente a música. O repertório inclui exercícios para desenvolvimento de habilidades técnicas utilizando

os métodos de Elena Waiss (*Mi Amigo El Piano*), Shinichi Suzuki (*Suzuki Piano School*), Mário Mascarenhas (*Curso de Piano*), entre outros, além de obras de compositores nacionais e internacionais, tanto eruditos como populares.

Os exercícios teóricos e práticos são realizados de forma individual e coletiva durante a aula e, na prática instrumental, alguns exercícios são feitos em dupla, quando um aluno executa a mão direita e o outro a mão esquerda e vice-versa, além de peças para 4 mãos, onde o professor toca junto com o aluno. Para as músicas entregues, são estipulados prazos para a finalização. Ao final de cada mês realizamos uma apresentação na própria sala de aula, com o intuito de compreender a evolução do aluno/turma, além da formação de plateia.

Orquestra Armorial

A Orquestra Armorial Ariano Suassuna do Colégio Marista Pio X foi uma iniciativa que surgiu em 1996 na gestão do diretor Irmão Nilton, sob a coordenação e regência do professor Roberto Araújo e que tem como objetivo resgatar e difundir o movimento armorial através de sua música na escola. Misturando ritmos nordestinos com instrumentos clássicos como o violino, o violoncelo e a viola de arco, com instrumentos populares como o violão, sanfona e zabumba, a orquestra teve em sua primeira formação oito alunos. Esteve à frente como maestro, entre 2006 e 2008, o professor Bebê de Natércio.

Em 2009, a orquestra encerra suas atividades até o início de 2011, quando então é reativada e contando com o professor Yuri Ribeiro à frente do projeto como maestro, compositor e arranjador. Reinicia-se com a participação de doze alunos, fazendo pesquisas e releituras de obras importantes da música armorial como *Rasga do Nordeste* (Antônio Madureira) e *Mourão* (Guerra Peixe).

Atualmente, a orquestra é formada por vinte e oito alunos/músicos regularmente matriculados, que cursam do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Os ensaios acontecem uma vez por semana, com duração de duas horas (quando próximas as apresentações costumam ocorrer duas vezes na semana). A orquestra divide-se em naipes de cordas, madeiras, teclas e percussão: 1º e 2º violinos, viola de arco, violoncelo, flauta transversal, clarinete, sanfona, teclado, violão, zabumba, triângulo, pandeiro e cajon. Os alunos, para participarem do grupo, precisam ter um conhecimento prévio do instrumento e são submetidos a uma seleção de nível, de acordo com a necessidade da orquestra, entendendo-

se que, a cada ano, os alunos que terminam o 3º ano do ensino médio, ou saiam da escola por um outro motivo, precisam ser substituídos para que a orquestra não se acabe.

Formada por crianças e adolescentes, entende-se que o nível da orquestra precisa ser crescente, de modo que os alunos precisam estar matriculados em escolas de música, estudando seu instrumento, a fim de evoluir musicalmente. Um dos pré-requisitos exigidos. Lembramos que a escola não oferece o ensino de instrumentos característicos da orquestra, a exemplo de violino, flauta, percussão ou sanfona, de modo que os alunos que tocam tais instrumentos frequentam aulas específicas em outras instituições.

Como forma de captação de novos alunos para a orquestra há a indicações de escolas formais e informais de música da cidade de João Pessoa. Através do programa de Bolsa-Social Marista, alunos de escolas públicas da capital podem se inscrever, através de edital da escola, e pleitear uma bolsa através da participação na orquestra, na qual terá custeado a mensalidade de maneira integral. A boa relação do Marista com várias escolas de música da cidade acelera essa captação.

As composições e/ou arranjos são feitos, ou (re)ajustados, de acordo com o nível de cada naipe. As partituras são entregues com um tempo hábil para o estudo em casa e, no ensaio, pratica-se através da repetição. A leitura tradicional da música é obrigatória para os instrumentos melódicos, assim como a compreensão das cifras para os instrumentos harmônicos. Para os percussionistas, a pesquisa da execução dos ritmos compreendidos ao repertório se faz presente também.

Considerações finais

Apesar de ser uma escola de tradição católica, as aulas de música aqui relatadas não refletem características de religiosidade e sim, adotam uma abordagem diversificada e inclusiva culturalmente. Os professores têm liberdade na escolha de repertório, e este é definido a partir do desenvolvimento e demanda de cada turma. Igualmente, é flexibilizado a escolha do material didático e recursos músico pedagógicos, possibilitando a exploração de diferentes gêneros e estilos musicais, ampliando o leque de conhecimento musical do aluno.

A mescla de alunos por turma é feita exclusivamente por nível (iniciante ou intermediário), não havendo nivelamento por idade, de modo que crianças com oito anos assistem aula na turma de adolescentes com quinze, como exemplo. Esta forma é um desafio que enfrentamos, pois, demanda abordagens pedagógicas diferenciadas e bem planejadas. A

criação de estratégias que atendam essa diversidade etária, respeitando as habilidades e o ritmo de aprendizagem de cada aluno, é um dos principais desafios para que as oficinas ocorram de maneira adequada. Os professores, continuamente, buscam manter os alunos empolgados e desafiados em cada aula, mesmo considerando as diferenças comuns ao grupo heterogêneo. Ainda há um outro ponto a ser levantado, pois alguns alunos não possuem o instrumento musical para a prática em casa, praticando apenas durante as aulas. Com isso, acontece o desestímulo (pessoal individual) ao ver que o colega com o instrumento musical em casa está avançando (tocando melhor), ocasionando a desistência no decorrer do semestre/ano. Isso gera a abertura de novas vagas e ocorrendo a possibilidade da inserção de um novo aluno na turma, o que gera outro problema – alunos iniciantes “pegam o bonde andado” na turma em que o aprendizado musical está em desenvolvimento. Estas são características comuns das aulas coletivas e no Marista Pio X.

Apesar das dificuldades e desafios, conseguimos enxergar não só o avanço músico-instrumental em cada aluno com o passar do tempo, mas também o crescimento no aspecto social e emocional. À medida que os alunos vão superando as dificuldades, há o aumento na confiança e na autoestima, se entusiasmando ainda mais com a prática instrumental. Além do progresso técnico, os alunos aprendem a “trabalhar” em equipe, constroem novos laços emocionais, aprendem respeitando as diferenças, valorizando e contribuindo com o pensamento dos seus colegas.

Por fim, gostaríamos de destacar a valorização dos professores de música pela instituição. Sabemos que é comum no Brasil que escolas privadas não contratem, oficialmente, professores de música para ministrar aulas extracurriculares (oficinas) ou para criarem grupos e atividades musicais no contexto. No entanto a escola em questão tem vínculo de carteira de trabalho (CLT) com seus professores de música e artes em geral. Estes profissionais da educação possuem os mesmos direitos e deveres comuns a todos os outros professores da instituição, devendo participar de reuniões e formações pedagógicas regulares, assim como eventos escolares. A escola, de fato, acredita na formação holística dos seus alunos e investe nas artes e na música, assim agregando valores culturais na formação dos indivíduos.

Referências

ALMEIDA, Cristiane Maria Galdino de. Educação musical não-formal e atuação profissional. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 13, 49-56, set. 2005.

ARROYO, Margarete. Educação musical na contemporaneidade. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA DA UFG, 2, Goiânia, 200a.

CRUVINEL, Flávia Maria. Educação musical e transformação social: uma experiência com ensino coletivo de cordas. Goiânia: ICBC, 2005.

Marista em Rede. 200 anos de história: Marista promove ações para celebrar o seu bicentenário. *Revistas PUCRS*. Disponível em: <<https://www.pucrs.br/revista/200-anos-de-historia/>> Acesso em 11/07/2024.

Conheça o Marista. Quem somos. Nosso Colégio. Disponível em: <<https://marista.edu.br/piox/nossa-historia/>> Acesso em 20/07/2024

Missão Marista. Humanidade no ser. Excelência em evangelizar. Disponível em: <<https://grupomarista.org.br/missao-marista/>> Acesso em 11/07/2024

FEICHAS, Heloisa. Processos de Aprendizagem Formal e Informal na Universidade Brasileira. XVI Encontro Anual da ABEM e Congresso Regional da ISME na América Latina – 2007.

FREIRE, V. B.; FREIRE, J. M. B.; JARDIM, H. Avaliando o ensino coletivo de instrumento na Escola de Música de Manguinhos. In: ENCONTRO REGIONAL DA ABEM SUL, XIV., 2010, Maringá. Anais... Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2011. p. 121-131.

GARCIA, Marcos da Rosa. Ensino e aprendizagem de guitarra em espaços músico-educacionais diversos de João Pessoa. Orientador: Luis Ricardo Silva Queiroz. Dissertação (Mestrado em Música). João Pessoa, 2011.

GONH, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio, aval. Pol. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

MOURA, Adair Martins de; CRUVINEL, Flávia Maria. Música nas escolas: um estudo sobre o ensino coletivo de violão em duas escolas de ensino básico de Goiânia. In: *Anais... II Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais*, 2006, Goiânia. 2006.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Currículos criativos e inovadores em música: proposições decoloniais. In: BEINEKE, Viviane (org.) *Educação musical: diálogos insurgentes*. São Paulo: Hucitec, 2023. p.191-241.

SOUZA, L. S. Ensino coletivo de instrumentos musicais: algumas considerações. In: *Anais... ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL*, VI., 2014, Salvador. Salvador: UFBA, 2014.

TOURINHO. A Gama Cristina dos Santos. *Ensino coletivo de violão: proposta para disposição física dos estudantes em classe e atividades correlatas*. Disponível em: http://www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=55. Acesso em: 14/07/2024.

_____. Ensino coletivo de instrumentos musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história. In: CONGRESSO ANUAL DA ABEM, 16., 2007, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande, MS: ISME, 2007.